

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GARRAFFONI, Renata Senna. *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*. Coleção Bibliotheca Latina. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. ISBN 978-85-268-1331-1

Filipe Noé da Silva¹

Publicado em cinco capítulos e sob a assinatura da coleção *Bibliotheca Latina* da Editora da Unicamp, o livro *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*, de autoria do professor Pedro Paulo Abreu Funari (Universidade Estadual de Campinas) e da professora Renata Garraffoni (Universidade Federal do Paraná), apresenta e avalia em pormenores as origens, diálogos e propósitos (por vezes políticos, mas também morais) de algumas das principais obras da historiografia latina produzidas entre o final da República romana e os primeiros dois séculos de nossa era, já à época do Principado.

Apesar de ser um livro que se debruça, em particular, sobre os escritos de Salústio, Tito Lívio e Cornélio Tácito, é patente que Funari e Garraffoni interpretam essas obras históricas à luz de um mundo antigo marcado pela heterogeneidade social e étnica, e também pelo intercâmbio cultural de povos e tradições díspares. Essa postura pode ser observada no *Capítulo I: Considerações sobre o gênero historiográfico* (pp. 17-30), no qual os autores versam, por um lado, acerca do surgimento da moderna disciplina histórica no século XIX e suas possíveis filiações e débitos em relação à maneira antiga de se escrever história, e por outro lado, cotejam narrativas de origem grega, latina e hebraica, produzindo um afastamento crítico em relação à ideia de que o berço único da História estaria na Grécia antiga, sob os cuidados de Heródoto e Tucídides.

No *Capítulo II*, intitulado *A Historiografia Latina* (pp. 31-42), Funari e Garraffoni apresentam as origens, os autores e o legado do gênero histórico latino. No que concerne às possíveis origens da historiografia latina, argumentam os autores que o contato dos romanos com textos de origem grega teria sido crucial para o desenvolvimento de um ambiente marcado pela troca cultural entre esses povos. Vale destacar que em momento algum são empregados os conceitos de “helenização” ou “romanização” para interpretar essa experiência histórica.

¹ Doutorando, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: filipinhu_eh@hotmail.com

Ao comentarem os usos políticos e intelectuais de Salústio, Tito Lívio e Tácito em períodos como a Idade Média e o Renascimento, por exemplo, Funari e Garraffoni apontam caminhos para pesquisas históricas que o leitor e a leitora podem eventualmente explorar. Ao final do capítulo, a partir de um profícuo diálogo com a Arqueologia, os autores (seguindo Géza Alföldy e Richard Hingley) destacam o papel da cultura material para uma compreensão adequada da empreitada imperialista romana. A expansão territorial, mas também as guerras e a ascensão de um governo de *princeps* com Otávio Augusto seriam episódios históricos fundamentais para a compreensão das narrativas dos historiadores latinos contemplados pela obra.

Os capítulos III, IV e V são dedicados, respectivamente, a Salústio (pp. 43-65), Tito Lívio (pp. 67-88) e Tácito (pp. 89-126), e seguem o mesmo roteiro de apresentação desses historiadores e de análise de suas obras. Com efeito, os capítulos em questão discorrem sobre: 1) vida, carreira e morte do historiador analisado; 2) historiador literato; 3) o estilo narrativo do historiador; 4) fontes utilizadas pelo historiador; 5) perspectiva historiográfica do historiador. Na qualidade de narrativa histórica, as obras desses historiadores latinos compartilhariam entre si certo comprometimento em relação ao tempo presente, e também estariam necessariamente subordinadas aos anseios morais, filosóficos e políticos daqueles que as produziram. É precisamente essa dependência que marca as diferentes considerações que Funari e Garraffoni propõem após analisarem as obras dos três historiadores observados.

Além de uma minuciosa descrição das obras *História*, *A conjuração de Catilina* e *Guerra de Jugurta* a partir da análise de excertos bilíngues, o personagem sabino Caio Salústio Crispo é colocado em evidência no *Capítulo III*. Seria, com efeito, o posicionamento político de Salústio (partidário de César e opositor de Catilina) em meio à República decadente o elemento que atribuiria sentido à sua narrativa histórica. Os arcaísmos evidenciados na linguagem salustiana (p.57) também seriam produto de rivalidades na carreira pública do personagem, como seu confronto com o orador Cícero, que merece destaque. Seguindo, enfim, uma tradição que remontaria a Tucídides (pela ênfase na guerra e na política como elementos norteadores), a narrativa de Salústio seria pautada, de acordo Funari e Garraffoni, pelo o antagonismo dos vícios e das virtudes dos personagens construídos em meio aos conflitos políticos da República.

As considerações sobre Tito Lívio (apresentadas no *Capítulo IV*) reconhecem, em primeiro lugar, que pouco se sabe sobre sua vida, carreira e morte, exceto poucas menções feitas por outros literatos em

épocas posteriores. Com relação à obra desse historiador latino, os autores destacam que um único texto de sua autoria teria superado os séculos e chegado aos dias atuais: *Ab Vrbe Condita*. De maneira similar àquela proposta no capítulo anterior, Funari e Garraffoni analisam trechos dessa obra com o intuito de esmiuçar seus pormenores retóricos, percepções morais e a própria ideia de História que lhe é subjacente. Tendo escrito já à época do imperador Augusto, Tito Lívio seria um defensor das tradições romanas (*mos maiorum*) e também adepto de uma perspectiva cíclica da história, além de também entendê-la na condição de mestra da vida (*magistra vitae*). A ênfase nos aspectos religiosos latinos, bem como a aproximação do estilo de narrativa à maneira de Cícero, segundo os autores, tornaria sua narrativa singular e consequentemente distante daquela proposta por Salústio.

O Capítulo V destina-se a uma análise pormenorizada da obra de Cornélio Tácito. O fato de Tácito não ter se dedicado exclusivamente às narrativas históricas (consideradas tardias em sua carreira) fez com que Funari e Garraffoni propusessem uma digressão acerca de suas obras. Assim, mencionam não apenas as *Histórias* e os *Anais*, mas também *Agrícola* (elaborada entre 96 e 98 d.C.) e *Germânia* (escrita em 98 d.C.). Em relação a estas duas últimas obras, os autores constataam um estilo mais próximo do biográfico (uma *uita*) para a monografia dedicada a *Agrícola*, sogro de Tácito, e características etnográficas na descrição dos povos germanos.

A aproximação com a epigrafia auxilia os autores tanto nas informações sobre a vida e a carreira de Tácito quanto na compreensão do contexto político imperial que norteia sua obra. Oriundo de um âmbito rival em relação à autocracia imperial, Cornélio Tácito seria responsável pela criação de retratos – em geral viciosos – dos imperadores romanos. Na obra do historiador romano, os imperadores são avaliados quase sempre no exercício do seu poder na vida pública e em relações estabelecidas nas proximidades da vida pessoal e familiar. O recurso às anedotas da vida quotidiana, entretanto, não o aproxima de Suetônio – reconhecido pelo uso frequente de boatos em suas *uitae* (p. 123).

O livro *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito* se encerra, enfim, com as *Considerações Finais* (pp. 127-129), a *Breve bibliografia comentada* (pp. 131-132) e uma *Pequena antologia* (pp. 133-142) na qual os leitores e as leitoras podem ter contato com trechos das obras analisadas ao longo dos capítulos, em língua original e em tradução. Em linhas gerais, o livro *Historiografia* conduz à constatação de que, por um lado, há diferenças significativas no modo como os historiadores antigos faziam sua História: mesmo o latim empregado em obras produzidas com certa proximidade temporal e cultural encontra variações entre um autor e outro. Por outro

lado, apesar de reconhecerem as inúmeras contribuições da antiga historiografia latina para a ciência histórica moderna iniciada no século XIX, os autores destacam também a existência de rupturas significativas no que diz respeito às preocupações, anseios e ao modo de tratar as fontes e documentos históricos (p. 109).

Utilizando uma linguagem acessível mesmo aos estudiosos que não são especialistas na área dos estudos clássicos, Funari e Garraffoni apresentam a historiografia latina em diálogo com a bibliografia atual em uma redação leve e agradável ao leitor. A experiência docente, somada às inúmeras publicações nacionais e internacionais dos autores, transparece em um texto bem escrito, que une a clareza ao rigor acadêmico que o tema exige. Rejeitando desde o início – e de maneira explícita – qualquer pretensão à ideia acrítica de herança ou legado dos antigos à Modernidade, o livro se mostra arraigado no tempo presente, e destinado às discussões de nosso próprio tempo acerca do lugar da História, inclusive aquela escrita pelos antigos, em nossa sociedade e em nossas disciplinas. Se a contundente afirmação de Josep Fontana de que os historiadores “(...) estão convencidos de que se limitam a investigar desapaixonadamente o passado, livres de qualquer preconceito cultural ou político” (Fontana, 1998: 10) ainda pode parecer válida para alguns estudiosos nos dias atuais, seguramente não será no livro *Historiografia* que ela encontrará guarida.

Referência Bibliográfica

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998.